

MIA COUTO

O bebedor de horizontes



AS AREIAS DO IMPERADOR
UMA TRILOGIA MOÇAMBICANA
LIVRO III

Obras do autor na Companhia das Letras

Antes de nascer o mundo

As Areias do Imperador 1 — Mulheres de cinzas

As Areias do Imperador 2 — Sombras da água

As Areias do Imperador 3 — O bebedor de horizontes

Cada homem é uma raça

A confissão da leoa

Contos do nascer da Terra

E se Obama fosse africano?

Estórias abençoadas

O fio das missangas

O gato e o escuro

A menina sem palavras

Na berma de nenhuma estrada

O outro pé da sereia

Poemas escolhidos

Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra

Terra sonâmbula

O último voo do flamingo

A varanda do frangipani

Venenos de Deus, remédios do Diabo

Vozes anoitecidas

Copyright © 2017 by Mia Couto e Editorial Caminho sA, Lisboa

A editora manteve a grafia vigente em Moçambique, observando as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Ilustração de capa

Marcelo Cipis

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Couto, Mia

O bebedor de horizontes: uma trilogia moçambicana, livro 3/
Mia Couto — 1^a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-359-3064-1

1. Ficção moçambicana (Português) I. Título. II. Série.

18-12101

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura moçambicana em português 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Resumo dos livros I e II	7
1. A mulher que chamava os rios	11
2. Um mal-amanhado bilhete	21
3. A lama e a neve	25
4. Primeira carta do sargento	35
5. Andorinhas e crocodilos	41
6. Segunda carta do sargento	49
7. As mãos e as mães	55
8. Antes de haver mar havia um barco	65
9. A caligrafia do rei analfabeto	77
10. Um lenço branco iluminando o passado	85
11. Carta de Germano de Melo para Bianca Vanzini	101
12. Pegadas no orvalho	107
13. Carta de Álvaro Andrea para Imani	115
14. Desfiles e delírios	125
15. Uma submissa desobediência	139
16. Nem juba nem coroa	151
17. Bartolomeu e o caminho marítimo para o céu	163
18. Um involuntário suicídio	175
19. Os amnésicos defuntos	185
20. Quanto pesa uma lágrima?	193

21. Véspera da terra	203
22. A luz de Lisboa	213
23. Um quarto debaixo da terra	227
24. Um corpo rasgado	241
25. O que foi dado à luz	253
26. Entre exílios e desterros	261
27. O bebedor de horizontes	267
28. O derradeiro idioma	275
29. Um novo nome para Zixaxa	285
30. A sombra das palavras	295
Anexo	309

Eu? — bebo o horizonte...

Cecília Meireles, in *Mar absoluto*

Em tempos de terror escolhemos monstros para nos proteger.

Excerto de uma carta de Álvaro Andrea

1

A mulher que chamava os rios

*O cego foi o único que se salvou do incêndio. Porque foi
o único que não viu o medo.*

Zixaxa

— *Pergunta a esse branco se quer que chame o rio.*

São as palavras da rainha Dabondi. Não ouso traduzi-las para o capitão Mouzinho de Albuquerque. Nem ele escutaria tão estranha interpelação, ocupado que está em comandar os seus homens, que chapinham num baixio do rio Limpopo. O barco em que seguíamos encalhou num banco de areia e há horas que os soldados portugueses tentam libertar a lancha. Alguns, mais afotos, têm o corpo meio submerso e empurram os costados da embarcação. Poucas vezes se viu aquele cenário: brancos esfalfando-se à torreira do sol enquanto negros aguardam sentados numa confortável sombra. Mouzinho ordena aos soldados que regressem ao convés: as águas estão infestadas de crocodilos.

Não é o atraso que incomoda Mouzinho. Desde que saímos de Zimakaze a viagem decorreu célere e sem

paragem. O que o capitão teme são os perigos do mato em redor, onde, sem que se veja vivalma, já se escutam vozes e se movem sombras furtivas. Não tarda que suceda uma emboscada para resgatar os prisioneiros que viajam no seu barco.

A rainha Dabondi é uma dessas prisioneiras. Mais do que o capitão, ela está tensa com aquela paragem. É ela que ergue subitamente os braços a mandar que todos se calem. Um arrepio percorre toda a tripulação: como que nascida do chão, uma multidão de homens, mulheres e crianças surge na margem. Mouzinho ordena aos seus soldados que preparem as armas. Um silêncio frio se instala e o próprio rio se cala.

— *Posso chamar as águas?* — volta a perguntar Dabondi. Depois dirige-se a mim: — *Disseste a esse branco que falo a língua dos rios?*

Uma palavra sua e o rio Limpopo, como um cachorro dócil, viria comer-lhe à mão. Mouzinho murmura entredentes: *Calem-me essa mulher!* A tensão é insuporável. De súbito a rainha Dabondi salta do barco e caminha na direção da silenciosa multidão, que foi crescendo na margem.

Todos os olhos se centram na rainha que atravessa as águas rasas do rio. Os pés de Dabondi não tocam água nem terra. Na verdade, a rainha não caminha. Ela executa uma dança. O balançar das ancas faz soar as anilhas de cobre que lhe rodeiam os tornozelos.

Chegada à margem, a rainha fala animadamente com as criaturas que a rodeiam. Nada podemos escutar mas percebemos que aponta com insistência para nós. De súbito aquela turba precipita-se enlouquecida sobre o barco. Os portugueses, aterrorizados, ainda levam as

armas aos ombros. Mas já não há tempo. Centenas de homens e mulheres já venceram o vau do rio e atiram-se de ombros, pernas e braços contra o casco da lancha. A embarcação balança com violência, os tripulantes gritam, os cavalos escouceiam.

Num ápice o barco volta a flutuar. E só quando se confirma que estão unidos numa intenção pacífica é que todos, negros e brancos, gritam de entusiasmo. Ajudam Dabondi a regressar ao convés. A rainha está ofegante mas feliz. Pergunto-lhe por que ajudou os seus carcereiros.

— *Alguém me espera no fim desta viagem* — responde.

Há dois dias sucedera o impensável: em Chaimite, o capitão Mouzinho capturou o imperador Ngungunyane e trouxe-o amarrado até ao cais de Zimakaze. Junto com o real prisioneiro seguiam as sete esposas que ele elegera para o acompanhar. Essa escolha foi o seu último ato de soberania. Na comitiva seguia também eu, Imani Nsambe, que os portugueses escolheram como tradutora. Finalmente, em Zimakaze, o chefe dos mfumos, chamado Nwamatibjane Zixaxa, juntou-se aos presos. Com este rebelde vieram três das suas esposas.

De Chaimite a Zimakaze o mesmo espanto se repetiu: os habitantes de Gaza contemplaram, incrédulos, o imperador Ngungunyane* sendo arrastado em prantos. Os militares portugueses eram tão poucos que se torna-

* Os nomes Ngungunyane ou Gungunhana, na forma aportuguesada, serão usados ao longo do texto em função da origem dos locutores, africanos ou portugueses, mas referindo sempre a pessoa do rei de Gaza.

va ainda maior o desconcerto de quem assistia ao inusitado desfile.

Não era apenas um imperador vencido que os portugueses exibiam. Era África inteira que ali desfilava, descalça, rendida e humilhada. Portugal precisava daquela encenação para desencorajar novas revoltas entre os africanos. Mas necessitava ainda mais de impressionar as potências europeias que competiam na repartição do continente.

Orgulhoso mas apreensivo, o capitão Mouzinho de Albuquerque contemplava a turba que se acumulava pelos caminhos. E acontecia sempre o mesmo: aquela massa de gente desatava aos gritos, numa festa.

— *Bayeté!* — bradavam em uníssono.

O capitão pediu-me que traduzisse aquele clamor. E sorriu, vaidoso, quando lhe segredava: a multidão aclamava-o a ele, o capitão dos brancos. E louvavam-no com um fervor que, segundo o próprio Mouzinho, não seria igualado nem pelos seus mais fiéis compatriotas. Nunca imaginou o capitão que mais africanos que portugueses o saudassem como libertador. Foi o que vaidosamente me confessou. E acrescentou:

— *Quem sabe os pretos me façam aqui uma estátua, mais depressa que os meus compatriotas lá em Lisboa.*

Desde que retomámos a viagem que a rainha Dabondi se conserva junto de mim. Foi ela que, no caminho para Zimakaze, me limpou o sangue da garça degolada por um soldado. *Estás grávida* — disse enquanto me lavava —, *nenhum sangue te pode tocar*.

Agora a rainha contempla os céus e vê desarrumação nas nuvens. Sacode-me o braço e avisa-me de que uma tempestade se avizinha. Dirigimo-nos juntas ao comandante do barco, um oficial de uniforme azul-escuro. Chama-se Álvaro Soares Andrea. Esse homem alto e forte fixa em mim uns olhos indefinidos. É um navegador. Mas o seu olhar é o de um naufrago.

Não chegámos, porém, a abordar o capitão. Porque Godido, o filho de Ngungunyane, se aproxima e ordena que a rainha regresse ao lugar que lhe compete e que é junto do seu rei. Dabondi finge não escutar. Godido persiste, mais firme:

— *Volte para junto do seu marido, minha rainha!*

— *Rainha?* — protesta Dabondi. — *Que rainha sou eu que cozinho com as panelas da minha sogra?* — O dedo em riste avança sobre o peito de Godido: — *Não me voltes a tratar assim. Sou uma viúva. É isso que sou.*

O príncipe Godido retorna para junto dos prisioneiros. Não sabe como explicar o insucesso da sua missão.

— *O que se passa consigo?* — pergunto a Dabondi. — *Por que desobedece ao Nkossi?*

— *Não sou rainha. Sou uma nyamossoro. Escuto os mortos e falo com os rios.*

O barco reduz a velocidade. Estamos a chegar ao posto de Languene, o último reduto militar português no estuário do Limpopo. Mouzinho de Albuquerque saúda os marinheiros que nos esperam na margem. Assim que termina a atracagem transmito a Mouzinho a preocupação de Dabondi: uma tempestade se levanta para além do estuário do Limpopo. Não são ventos feitos no céu, explico. É uma tempestade encorrendada.

— *Meu Deus, como esta gente é atrasada* — comenta o militar, deitando as mãos à cabeça. — *E as pretas são piores do que eles.*

Não percebe quanto me magoa. O português em que me expresso, sem ruga nem rasura, faz com que Mouzinho deixe de ver a minha raça. Guardo-me em silêncio. Calo-me na mesma língua do homem que me humilha.

Enfim, desembarcamos no pequeno posto militar de Languene. Será uma breve pausa para embarcar armas e feridos. Os presos africanos são conduzidos para uma sombra. Recebem uns biscoitos e um copo de vinho. E ali ficam, entorpecidos pelo cansaço. Dabondi volta a destacar-se do grupo e vem sentar-se a meu lado. Guardou no fundo do copo um resto de bebida. Deixa tombar umas gotas sobre a areia quente. Aplaca a sede dos defuntos desde que o mundo nasceu.

— *Sabe como aprendi a falar com os rios?* — pergunta.

Foi na adolescência, disse ela. Aconteceu antes de ser tomada como esposa do rei. Todas as manhãs observava uma aranha a entrar e a sair de uma cova no pátio da sua casa. Nas patas, o bicho carregava orvalho para o fundo da terra. Trabalhava como um mineiro às avessas: tirava do céu para acumular no subsolo. Aquela ocupação prolongara-se há tanto tempo que, no fundo da toca, foi nascendo um extenso lago subterrâneo.

A rainha quis ajudar o bicho nas suas húmidas escavações. Numa madrugada sem orvalho trouxe uma taça de água, que deixou à entrada da toca. Mas a aranha recusou a gentileza, sorrindo: *Isto que faço não é um trabalho, é apenas uma conversa.* E acrescentou: *Reconheço o*

quanto sofres, é preciso muita solidão para se reparar em criaturas tão pequenas como eu. Em sinal de gratidão, o bicho ensinou-lhe o idioma da água.

— *Agora, converso com os rios, pequenos e grandes* — conclui Dabondi. — *A cada um chamo pelo nome que só eu conheço.*

Somos interrompidos por Muzamussi, a mais velha das esposas. Sem cerimónia, esta puxa Dabondi pelos pulsos e arrasta-a para junto dos presos. Depois grita para anunciar que Ngungunyane requer a minha presença. Apresento-me sem demoras.

Dante do soberano ajoelho-me e bato as palmas, como mandam os preceitos. O rei pretende saber que conversas mantive com Dabondi. Não tenho tempo para me explicar. *Não te consigo escutar*, disse o rei. Elevo o tom de voz. Ele sacudiu a cabeça: *O problema não é a minha voz.* Não me escuta por causa do meu calçado. *Esses teus sapatos falam muito alto*, diz Ngungunyane. *De agora em diante só te aproximas de mim se estiveres descalça.*

Eu que ficasse a saber: chão que o imperador pisou torna-se sagrado. Os meus sapatos ofendem essa divina condição. As rainhas escutam-no e riem alto. O riso delas faz com que os meus sapatos deixem de existir.

Não era apenas entre nós, africanos, que emergiam querelas. Não há dia em que os chefes militares portugueses não troquem acusações. E todos, europeus e africanos, procuram-me para se lamentar. Não sei por que confiam em mim. Mais do que tradutora sou uma ponte. Talvez eu seja a aranha que vivia no pátio de Da-

bondi. Nas minhas patas carrego palavras e com elas faço uma teia que une diferentes raças.

Durante a caminhada, Mouzinho de Albuquerque já me havia abordado de forma casual. Desta vez senta-se a meu lado e permanece imóvel, sem tirar os olhos de Álvaro Andrea.

— *Aquele tipo odeia-me* — afirma Mouzinho. — *Possso dizer-te, nenhum preto me despreza assim tanto.*

O modo lento como o capitão pousa o chapéu sobre os joelhos denuncia o seu propósito de conversar.

— *Sei quem és* — começa por dizer. — *E tu sabes o que queremos de ti. Traduzir será apenas a parte visível do teu trabalho.*

Faz uma pausa cofiando o bigode. *O reinado de Gaza durou demasiado*, disse. *E sabes porquê?*, pergunta. E ele mesmo responde: *Este Gungunhana sabia tudo sobre nós e nós nada sabíamos dele.*

Aqueles negros ali sentados, com os pulsos atados, não são apenas simples prisioneiros. É o que diz Mouzinho. São donos de valiosos segredos, e são essas confidências que entregarei ao Exército português. Esse é o verdadeiro motivo da minha presença naquela jornada. Pigarreio, receosa:

— *Entendi, meu capitão.*

Mouzinho enrola um cigarro. Não o acende. Deixa-o pendendo preso nos lábios. Olho-o de esguelha. É um homem bonito. Razões tinha Bianca para sonhar.

— *Agora, se me dá licença* — peço num murmurio —, *volto para junto da minha gente...*

— *Prefiro* — diz Mouzinho — *que te deixes ficar entre os brancos. É entre eles que moram as mais graves traições.*

Um mal-amanhado bilhete

[...] a atividade dos portugueses nas Terras da Coroa, no Sul de Moçambique, resume-se a isto: Em outubro e novembro de cada ano percorrem as povoações palhota a palhota, cobram o imposto, fornecem sovas de cavalo-marinho num ou outro negro menos reverente, levam o produto da cobrança ao quartel de Anguane, recebem a sua percentagem e vão de novo dormir onze meses.

Extrato de Eduardo Noronha, in “A rebelião dos indígenas de Lourenço Marques, 1894”, citado por René Pélissier